

“RECORDAR É PRECISO”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FIGURA DO *GRIOT* E A IMPORTÂNCIA DE SUAS NARRATIVAS NA FORMAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA AFRO-BRASILEIRA

Amanda Crispim Ferreira

Mestranda em Teoria Literária do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários /
UFMG

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre a importância do *griot* na cultura africana e sua contribuição para a formação do povo afro-brasileiro. Entende-se que, dessa forma, estaríamos resgatando a dignidade de um povo, devolvendo-lhe o direito de conhecer a sua história, que foi tirado desde a escravidão negra.

PALAVRAS-CHAVE

Memória coletiva, *griots*, resgate, história

É sabido que a memória constitui um elemento indispensável à construção de uma identidade nacional. É por ela que o homem atualiza impressões ou informações passadas e recompõe ou compõe a sua história. Numa civilização sem a escrita, marcada pela oralidade como, por exemplo, a africana, a acumulação de elementos na memória faz parte do cotidiano, como garantia de sua identidade, através da transmissão de bens culturais.

Jacques Le Goff, em seu ensaio sobre a memória, diz que esta, além de ser um elemento essencial na busca de identidade de indivíduos ou sociedades, serve também como instrumento e objeto de poder, propício, desse modo, à manipulação:

(...) Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos, que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.¹

¹ LE GOFF. Memória, p. 422.

Por isso, Le Goff afirma ser dever dos profissionais da memória social, ou seja, pesquisadores cujos estudos se debruçam sobre a memória, democratizá-la, a fim de que esta seja instrumento de libertação e não de servidão dos homens.²

Paul Ricœur, um dos mais importantes filósofos contemporâneos, em seu livro *A memória, a História e o esquecimento*, também aborda a questão da manipulação da memória:

Para quem atravessou todas as camadas de configuração e de reconfiguração narrativa desde a constituição da identidade pessoal até a das identidades comunitárias que estruturam nossos vínculos de pertencimento, o perigo maior, no fim do percurso, está no manejo da história autorizada, imposta, celebrada, comemorada – da história oficial. O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõem uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja. Está em ação aqui uma forma artilosa de esquecimento, resultante do desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos.³

As afirmações acima podem ser um alerta sobre os perigos que a memória pode trazer se usada de forma não democrática. Tal afirmação vem ao encontro da realidade da História brasileira, que foi manipulada e um só lado dela foi contado pelo registro das memórias dos vencedores, e tentou-se apagar o outro, a memória dos vencidos. Os vencedores, nesse caso, seriam os colonizadores portugueses e outros povos que vieram ao Brasil e cresceram, como os imigrantes europeus e asiáticos que se instalaram em terras brasileiras; e os vencidos são os índios que habitavam esta terra antes da chegada dos colonizadores e os negros africanos trazidos ao Brasil para trabalhem como escravos e construam essa nova nação. Diante disso, pensar a memória afro-brasileira é pensar a memória dos vencidos, que não foi contemplada para a perpetuação, mas, pelo contrário, procurou-se excluí-la dos registros nacionais. Nesse sentido, estudar tal memória consiste num processo de resgate, de pesquisa, de dar visibilidade ao que por anos ficou oculto.

A literatura afro-brasileira tem, entre seus objetivos e temática, dar visibilidade a essa memória que se tentou esquecer, por meio da revisão histórica, ou seja, recuperar, por meio da memória, a história que os livros não registraram, mas fizeram questão de apagar. Reza a lenda que antes de os negros entrarem no navio negreiro eram obrigados a dar voltas em torno da “árvore do esquecimento”, cujo objetivo era apagar de suas mentes toda lembrança e memória do passado, pois os senhores de escravos acreditavam que, desprovidos de memória,

² LE GOFF. *Memória*, p. 471.

³ RICŒUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 455.

de identidade cultural e de raízes, se tornariam seres passivos, sem nenhuma vontade de reagir ante as atrocidades da escravidão:

A história das culturas afrodescendentes é tradicionalmente marcada por embates e discussões que envolvem reflexões sobre a temática da memória, da história, da identidade e das *performances*. Este debate tem seus marcos originais na história do tráfico e na existência de um ritual que envolvia circular em torno da “árvore do esquecimento” para garantir imunidade ao “banzo” e, principalmente, o apagamento dos nomes e das tradições culturais daqueles que seriam embarcados à força para diáspora. Assim, as várias tradições culturais africanas da diáspora sempre lidaram com esforços individuais e coletivos de guarda e preservação, reconstituição e reorganização de pedaços, narrativas, cânticos e *performances*, tecidos e traços, plantas e costumes entre outras bagagens que, junto com os corpos e almas, atravessaram o Atlântico.⁴

Além do ritual de dar voltas na “árvore do esquecimento”, outras situações podem confirmar esse interesse do colonizador em “apagar” as lembranças do colonizado, como por exemplo, a própria organização do sistema escravocrata nas Américas, desde a retirada dos negros da África, até a distribuição dos escravos nas regiões mantidas pelo regime, pois não se preocupou em manter as famílias unidas ou as hierarquias encontradas em África, mas separaram pais de filhos, esposos de esposas, colocaram reis e súditos na mesma condição; idosos, adultos e crianças tornaram-se escravos, sem se respeitar a idade nem o que eles representavam na cultura africana.

Gizêlda Melo do Nascimento, em seu livro *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*, aborda essa questão do desmembramento familiar como meio de apagar as memórias e fortalecer o sistema capitalista, já que o escravo era levado de fazenda em fazenda para engravidar escravas, que daria a luz a mais escravos:

(...) cerca de 70% dos entrevistados desconhece sua ascendência paterna. (...) “Da parte de meu pai, não conheci ninguém.” Tentando dar continuidade a narrativa, aventurou: “Tem uma história de um caboclo laçado na mata criado por um branco.” Memórias amputadas pelo corte reto e cego da história, ou, quando muito, reminiscências vagas compondo uma pintura nevoada de um passado esgarçado pela retidão ocidentalizante. A ascendência paterna exhibe a falta nos atormentados ciclos de procriações anônimas. O escravo era como o gado procriador vagando de fazenda em fazenda, produzindo lucros para o senhor de seu corpo, quando laços afetivos não entravam em cogitação.⁵

⁴ SOUZA. Memória e *performance* nas culturas afro-brasileiras, p. 30-31.

⁵ NASCIMENTO. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*, p. 93.

Esse vazio, causado pela falta de informações sobre a ascendência paterna, é um dos elementos do “esgarçamento” da memória afro-brasileira e também um dos motes para a sua reconstrução. Ao procurar sua origem paterna, resgata-se também a sua memória familiar, a sua história e identidade.

Diante disso, propomos, neste artigo, uma reflexão sobre a memória coletiva afro-brasileira, seu apagamento e seu resgate, por meio das narrativas dos *griots*. Pensaremos o papel desses “homens memória” na cultura afro-brasileira, através da análise de fragmentos de romances e poemas da literatura afro-brasileira.

OS *GRIOTS*: GUARDIÕES E TRANSMISSORES DA MEMÓRIA COLETIVA AFRO-BRASILEIRA

Falávamos anteriormente da importância da memória para a construção da identidade, tanto coletiva quanto individual, e citamos o caso da memória afro-brasileira que ficou oculta na constituição da História brasileira, pois não era interessante mantê-la, já que o objetivo era escravizar os negros. Um escravo não era considerado uma pessoa, e sim uma coisa, e coisas não possuem memórias – pelo menos, esse era o discurso disseminado à época da escravidão. Por isso, ao trazerem os negros da África, os portugueses não lhes roubaram somente a liberdade, mas também suas identidades ao “apagarem” suas memórias para escravizarem os africanos e seus descendentes brasileiros.

As consequências desse apagamento foram muitas e influíram diretamente na vida dos afro-brasileiros de hoje, descendentes desses povos escravizado que foram submetidos ao ritual da “árvore do esquecimento”, que hoje lutam para descobrir quem são, quais são suas origens; enfim, é um povo que desconhece a sua memória coletiva, memória que um dia foi invisibilizada e hoje busca conhecê-la, dar visibilidade, reconstruí-la.

Um meio de resgate dessa memória, da memória dos vencidos, é pela tradição oral, por meio dos “homens-memória”, que, nas palavras de Le Goff, são uma espécie de guardiões da memória coletiva, responsáveis por transmitir a história numa sociedade sem escrita.⁶ Os *griots*, como são conhecidos, são anciãos responsáveis por transmitir aos mais novos as memórias do povo, da comunidade, por meio da narração de histórias. Essa questão da idade é importante, pois a idade avançada, a velhice, é uma das características mais relevantes de um *griot*, visto que um narrador de memórias precisa ter, antes de tudo, memórias para narrar,

⁶ LE GOFF. Memória, p. 425.

além da sabedoria e da experiência de vida, coisas essenciais para um formador, que é o *griot*. Sobre essa questão, comenta Gizêlda Melo do Nascimento:

(...) personagens idosas como responsáveis pela transmissão e manutenção de traços culturais autênticos estaria ligada não apenas a uma certa autoridade que possuem pelo acúmulo de experiências, mas prioritariamente por tratarem-se de personagens limiares. Seres cuja autoridade reside também na posição privilegiada em que se situam: na zona fronteira onde a vida e a morte indistintas; entre a vida visível e a invisível, situação que remete a uma visão filosófica africana do mundo pois que “estão mais próximos dos mortos e participam de sua condição” e que, por participarem dessa intimidade com o mundo invisível, a espiritualidade torna-se mais presente. Daí talvez venha a leveza, daí também a aparente fragilidade física. Numa lei de compensação, maior fragilidade física, maior potencialidade de forças vitais do universo.⁷

Outra característica do *griot* é a arte de narrar, contar histórias. Arte fundamental para uma cultura oral, pois já que a História não está escrita nos livros, é necessário que alguém que a tenha vivido conte-a aos mais novos para que esta não se perca, mas permaneça sendo transmitida de geração em geração. Sobre a arte de narrar, podemos citar Walter Benjamin por meio de seu ensaio sobre o narrador:

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas a experiência dos seus ouvintes.⁸

A relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado.⁹

Essa prática de contar histórias para transmitir ensinamentos e costumes ancestrais foi trazida da África, no navio negreiro, e difundiu-se no Brasil, principalmente entre as mães de santo, que reuniam as crianças em seus terreiros e contavam-lhes histórias de África, com o objetivo de ir costurando essa colcha de retalhos, que é a memória afro-brasileira, a fim de que esta seja perpetuada por meio das pessoas que escutam as histórias dos *griots*, mantendo assim essa prática. O trabalho de um *griot* pode ser considerado um ato político, pois em África, ele tinha o objetivo de conservar a memória, e no Brasil, ele tem o objetivo de resistir ao discurso dominante, já petrificado pela escrita:

A transmissão de bens saídos da boca dos simples, caindo na boca do povo, minando e ameaçando subterraneamente as milenares e rígidas construções do discurso vigente e operante, clareando os porões do tempo, recuperando o

⁷ NASCIMENTO. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*, p. 125.

⁸ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 201.

⁹ BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, p. 210.

que a rigidez da forma do instituído não comportou. Procurar o que não está escrito e nem consta nas linhas avarentas e seletivas dos livros das verdades inabaláveis foi o que arriscamos até agora.¹⁰

Assim, acredita-se que a narrativa dos *griots* afro-brasileiros tem uma missão diferente da dos africanos. Não é uma narrativa só de informação e preservação, mas também de resistência. Narrativa que tem que ultrapassar as barreiras do discurso dominante, a fim de apresentar o outro lado da História, pois, ao fazerem isso, dão às novas gerações a oportunidade de conhecerem sua verdadeira história e construir suas identidades. Ao narrarem suas memórias, formam e educam os mais novos para aprenderem a se defender da opressão do discurso oficial, e a lutar contra o preconceito. Podemos citar Michael Pollak para confirmar as afirmações acima:

Essas características de todas as histórias de vida sugerem que estas últimas devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução *a posteriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chave (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.¹¹

Assim, a narrativa desses *griots* não remete só à África, mas busca trazer a luta dos escravos afro-brasileiros, os heróis africanos e afro-brasileiros, as danças, a religião, a cultura, e toda contribuição africana em terras brasileiras:

Na Diáspora forçada, fugindo à coisificação imposta pela escravização, os africanos e afrodescendentes costuraram e teceram identidades e a partir da memória, reorganizam suas vidas desenhando novas configurações culturais advindas da sua situação em terras estrangeiras.¹²

O CONFRONTO ENTRE A NARRATIVA ORAL E A OFICIAL: EXEMPLOS DE *GRIOTS* NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Conceição Evaristo, escritora e pesquisadora da literatura afro-brasileira, observa, em sua dissertação de mestrado,¹³ que “a literatura negra é um lugar de memória”. Assim como os *griots*, os escritores afro-brasileiros se dedicam, por meio de seus textos, a perpetuarem a

¹⁰ NASCIMENTO. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*, p. 121.

¹¹ POLLAK. *Memória, Esquecimento e Silêncio*, p. 13.

¹² SOUZA. *Memória e performance nas culturas afro-brasileiras*, p. 31.

¹³ EVARISTO. *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*.

memória afro-brasileira. Pessoas que hoje se apropriam da escrita, atividade que por tantos anos foi-lhes negada,¹⁴ e fazem dela arma e artifício para denunciarem a situação em que vivem os afro-brasileiros e lutarem contra a opressão da História oficial. Tais textos têm ganhado espaço no mercado editorial nos últimos anos, resultado dos gritos, antes abafados, e que hoje tentam se fazer ouvir na sociedade brasileira. Sobre essa questão, podemos citar Pollak, que, embora esteja se referindo às memórias das vítimas do stalinismo, pode nos ajudar a entender as afirmações acima:

Essa memória “proibida” e portanto “clandestina” ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades.¹⁵

Podemos citar também Nascimento, a fim de completar as afirmações anteriores:

Entretanto, uma outra luz se espalha no horizonte deste acidentado percurso da História ocidental e, hoje, inúmeros são os estudos questionadores deste pensamento imperante, até bem pouco tempo considerado o único válido; como também são inúmeras obras, sobretudo literárias, operando a relativização do domínio destes valores. Vozes saídas do viés deste tempo linear e excludente; vozes minando as (já não tão) inabaláveis construções discursivas dominantes. Nesse sentido, a literatura, não há dúvida, se aproxima mais do real que a própria História.¹⁶

Diante dessas afirmações, apresentaremos três exemplos de textos afro-brasileiros para ilustrar essa discussão. O primeiro é um fragmento da novela autobiográfica *A cor da ternura*, da escritora Geni Guimarães. O texto foi publicado em 1989 e deu à autora os prêmios Jabuti e de Autor Revelação em 1990. A novela narra desde a infância até a vida adulta de Geni, uma mulher pobre e negra que na infância sofreu preconceitos, principalmente na escola, e por isso resolve se tornar professora, para lutar contra o preconceito, por meio da educação. Dentre as várias personagens da novela, destacamos Nhá Rosália, ou Vó Rosália – como era conhecida entre as crianças da comunidade onde Geni vivia – que era a *griot* da comunidade:

¹⁴ Tal afirmação remete-se ao direito à educação, que durante muitos anos foi negado aos escravos e seus descendentes. Dado extraído das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, Brasília, 2005.

¹⁵ POLLAK. Memória, esquecimento e silêncio, p. 5.

¹⁶ NASCIMENTO. *Feitio de viver*: memórias de descendentes de escravos, p. 120.

Nhá Rosália era uma velha senhora negra, que morava noutra fazenda com uma família de fazendeiros. Nunca ninguém soube por que morava com aquela família, nem qual sua idade certa. Uns diziam que tinha 98 anos, outros, 112. (...) A verdade é que, quando a Vó Rosália – assim a chamávamos – chegava, já vinha acompanhada de toda criançada. Todos queriam ouvi-la contar tão lindas e tristes histórias.¹⁷

A personagem descrita acima tem grande importância no enredo, e como sabemos que se trata de uma autobiografia, podemos dizer que exerceu forte influência na constituição da personalidade de Geni, pois ao contar-lhe suas “tão lindas e tristes histórias”, formava e preparava a menina para os desafios que estava prestes a encontrar. O trecho a seguir narra um desses desafios, pois é a cena em que Geni assiste à aula em que a professora explica sobre o 13 de Maio e, pela primeira vez, a menina se vê diante de um relato da História oficial:

(...) A festa seria depois do recreio, no dia seguinte. Mas, assim que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data:

– Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte. Quando...

E foi ela discursando por uns quinze minutos.

Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosália. Aqueles eram bons, simples humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.

Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão e desprezo!

Quis sumir, evaporar, não pude. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula, pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso estiquei o dedo indicador e no ar escrevi “Lazarento”. Era pouco. Acrescentei “morfético”. Acentuei o e e voltei para a classe.

No recreio a Sueli veio presentear-me com uma maçã e a Raquel, filha do administrador da fazenda, ofereceu-me para trocar meu lanche de abobrinha amassada pelo dela, de presunto e mozzarella.

Não os comi, é claro. A compensação desvalia. Não era como o leite que, derramado, passa-se um pano sobre o pronto.

Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... Vida?

Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria?¹⁸

O trecho acima apresenta o confronto entre dois registros, o da história oficial, representado pela professora de Geni, e o da história oral, representado por Vó Rosália. A menina, que fora criada ouvindo as histórias de Vó Rosália, não aceita o relato apresentado

¹⁷ GUIMARÃES. *A cor da ternura*, p. 49.

¹⁸ GUIMARÃES. *A cor da ternura*, p. 64-77.

pela professora, sentindo-se profundamente ofendida e humilhada com ele. Isso pode ser facilmente percebido pela frase “Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosália. (...) Eram bobos, covardes, imbecis, estes apresentados então. Não reagem aos castigos, não se defendiam, ao menos.” A humilhação torna-se mais aguda, no momento em que Geni percebe que é a única negra da sala “era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão e desprezo!” Nesse instante, o narrador, além de apresentar o primeiro momento de solidão da cena, a física, por ser a única negra na classe, traz também uma denúncia social, pois revela que não havia negros nas escolas primárias brasileiras ainda na década de 1950, período da infância de Geni. A denúncia continua no parágrafo seguinte, quando a menina narra sua sensação diante da constatação “quis sumir, evaporar, não pude.” Podemos dizer que essa frase revela uma das causas da forte evasão escolar das crianças negras. Pedir para ir ao banheiro foi a única alternativa que a protagonista encontrou para fugir dos olhares sarcásticos das outras crianças da turma, porém, com essa atitude, ela só saiu de um espaço em que se sentia inferior, a sala de aula, para ocupar outro mais inferior, o banheiro, e, nesse espaço, se autoafirmar inferior, ao escrever no ar “Lazarento” e “morfético”, revelando que essa era a maneira como se sentia naquele momento.

Na volta para a sala, percebemos a representação das classes sociais por meio dos lanches, pois Raquel, a filha do administrador da fazenda, queria trocar seu lanche, que era de “presunto e mozzarella”, alimentos restritos aos ricos da época, com o de Geni, que era abobrinha amassada, alimento dos pobres, que eram plantados por eles mesmos, nas terras do fazendeiro patrão. Geni não aceita a troca, pois tinha plena consciência do que elas estavam propondo: apagar as marcas da escravidão, por meio de um gesto de paternalismo, que era a troca dos lanches. Ao perceber a intenção das colegas, a protagonista recusa os lanches, como tentativa de resgatar o pouco de dignidade que ainda tem e mostrar as colegas que não era assim que se resolvia 400 anos de escravidão, simplesmente trocando lanches. Podemos confirmar essa afirmação por meio deste trecho:

Não era como o leite que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto. Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... vida? Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria?¹⁹

Nesse momento, percebemos que a personagem começa a se deparar com o preconceito da sociedade em que vive; antes não percebido pela protagonista, e diante disso, revela-se o segundo momento de solidão da cena – a existencial: “silêncio todo meu, dor sem parceria?”

¹⁹ GUIMARÃES. *A cor da ternura*, p. 67.

Criada em uma família numerosa, cuidada pelos pais e pelas irmãs, embalada pelas histórias de Vó Rosália, curada pelas rezas e ervas das benzedadeiras e curandeiros da comunidade, Geni ainda não havia se dado conta dessa realidade. É no ambiente escolar, e no momento do confronto, entre as suas memórias e a memória oficial, que ela conhece a verdade sobre a sociedade brasileira, ou mais especificamente, sobre a sua sala de aula, tendo que lidar com essa nova situação.

O choque do contato com essa situação a que se deparou a protagonista é suavizado, se assim podemos dizer, pela interferência das narrativas de Vó Rosália e pelos demais elementos que compõem a cultura de sua comunidade, como as parideiras, rezadeiras, os chás e credices, que, de alguma forma, prepararam o espírito da personagem para reagir ante as manifestações de preconceito, como a ocorrida na escola. Pois, amparada pelos seus, Geni pode construir uma identidade e, diferentemente de outros negros, sabia que pertencia a um lugar. Assim, a revolta inicial logo se acalma, quando se depara com o tempero da comida da mãe e a ternura das palavras do pai, encontrando forças para se recompor e lutar. Alicerçada pela força de sua família, decide estudar e tornar-se professora, a fim de mudar a realidade que o mundo lhe apresentava.

Outro texto, também de Geni Guimarães, pode reforçar essa influência da narrativa de memórias na formação do homem negro. Tal texto é um poema, intitulado “Aviso” e publicado em *Da flor o afeto, da pedra o protesto*:

Olha aqui, moço:
Aquela história
Que você inverteu,
Meus avós explicaram para meus pais,
Meus pais explicaram para mim,
Eu já expliquei para os meus filhos,
Meus filhos vão contar para os filhos
deles: Cuidado, pois.²⁰

O poema confirma a discussão apresentada anteriormente, visto que a memória transmitida de geração em geração é a arma contra a manipulação da memória e a hegemonia do discurso oficial, pois a transmissão da memória não oficial é o artifício encontrado para “desinverter” a história e formar homens capazes de reagir mediante a sua manipulação, e as consequências que isso traz. Novamente, percebe-se o confronto entre os dois discursos; e o tom agressivo do eu lírico pode ser considerado como uma consequência dessa manipulação, resultado dessa violência, que é a inversão da História:

²⁰ GUIMARÃES. *Da flor o afeto, da pedra o protesto*, [s.p.].

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emerja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples “montagem” ideológica, por definição precária e frágil.²¹

Por fim, outro exemplo é o poema “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, publicado em 2008 no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*. Como o próprio nome diz, o poema narra as memórias de mulheres de uma mesma linhagem, começando desde o rapto na África até os dias atuais:

A voz da minha bisavó ecoou
Criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato
O ontem- o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

²¹ POLLAK. Memória, esquecimento e silêncio, p. 9.

Através dessas seis estrofes, Conceição revisita toda a nossa história, pontuando os momentos históricos do ponto de vista de quem sofreu a violência. A ideia de redimir o passado para chegar ao futuro²² está presente no poema, em que ela procura ler o avesso da História e ouvir as vozes abafadas.

Na primeira estrofe, a bisavó representa o processo diaspórico sofrido pelo povo africano, que foi arrancado de seu país para viver como escravo em terras estrangeiras. Ao ecoar lamentos por uma infância perdida, a bisavó assume o papel da primeira de uma linhagem, que terá por incumbência a transmissão de uma memória.

Na segunda estrofe, a avó representa os quatro séculos de escravidão, ao ecoar obediência aos brancos. A voz de obediência não significou apenas passividade, mas uma estratégia de resistência, pois se fez presente ao “ecoar” também essa experiência.

Pode-se dizer ainda que a economia de palavras da autora ao escrever essa segunda estrofe está no fato de que não é preciso dizer muita coisa sobre a escravidão, pois a História disse tudo.

A voz da mãe, na terceira estrofe, ecoando baixinho “revolta nas cozinhas alheias”, revela também uma memória social e denuncia a situação das mulheres negras no Brasil no período pós-escravidão. A imagem das “cozinhas alheias” representa, segundo Gizêlda Nascimento, dois rebaixamentos, pois a cozinha é um espaço de fundo e, além de ser um espaço inferior, esse espaço ainda não é dela. A estrofe revela também a denuncia social quando o eu lírico diz que a mãe caminhava rumo à favela, concluindo que a carta de alforria não trouxe grandes mudanças e que as senzalas onde viveram as gerações anteriores hoje se transformaram nas favelas.²³

O tempo do eu lírico vem representando o presente, que, ecoando versos perplexos, percebemos que o espaço da literatura já existe, mas é difícil, ela não pode passear com tranquilidade. Precisa sofrer com a dificuldade de publicação, a autocensura, entre outros impedimentos. Isso pode ser corroborado por meio de sua rima, uma vez que “sangue” não rima com “fome”.

Na voz da filha, representadas nas duas últimas estrofes, traduz que o eu lírico deposita a esperança num futuro diferente, pois será a filha quem recolherá todas as vozes “engasgadas” de seus antepassados e fará ouvir com ressonância, ou seja, com a voz se ouvirá mais forte, intensa. Será a filha que transformará vozes “mudas” e “engasgadas” em ato

²² GLISSANT. *Le discours antillais*.

²³ NASCIMENTO. *Grandes mães reais senhoras*, p. 61.

redentor, em “vida-liberdade”. Esse ato de recolher todas as vozes mostra também a importância da tradição oral para a formação dessa filha, que, ao partir para a luta, vai amparada por tudo que aprendeu com suas ancestrais.

O verbo “ecoar”, que aparece em todas as estrofes, perpassa por todos os séculos; nesse sentido, podemos afirmar que isso simboliza o movimento para que essas memórias não caiam no esquecimento. Assim, podemos citar Nascimento, quando fala da resistência pacífica, mas não passiva, caracterizada pela estratégia da narrativa:

Na luta pela sobrevivência dos seus e pela permanência de princípios próprios, trata-se não de uma resistência militantemente explícita, mas de uma “resistência pacífica”²⁴ Resistência pacífica (jamais passiva) e vigilante, substituindo as relações de força pelas armas do conhecimento e da experiência, sempre acompanhadas de uma certa astúcia.²⁵

Por meio dessas palavras de Nascimento,²⁶ podemos nos remeter ao poema “Vozes mulheres”, de Conceição Evaristo, que viram na palavra um meio de resistir. A figura feminina constitui elemento importante na cultura africana, que é também trazido para a cultura afro-brasileira. Mulheres fortes, guerreiras, astutas e sábias que encontraram uma maneira diferente de lutar, resistir e permanecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gizêlda Melo do Nascimento, citando Glissant,²⁷ comentou sobre a diferença da relação que o colonizador e o colonizado estabelecem com a memória. Para explicar essa diferença, o escritor e sociólogo martiniquenho faz um trocadinho com um dos títulos mais conhecidos da literatura universal: *À la recherche du temps perdu*, do francês Marcel Proust. Para a Literatura europeia o maior objetivo é buscar o *temps perdu* (tempo perdido), e para a Literatura americana emergente, a busca é pelo *temps éperdu* (tempo triturado ou esgarçado):

A diferença se estabelece porque, como literatura da cultura dominante, a europeia pode se dar ao luxo de mergulhar no tempo de seu passado, “perdido” do ponto de vista da subjetividade. O tempo do colonizado – no caso, dos povos indígenas, dos africanos escravizados e de seus descendentes nas Américas –, ao contrário, não se perde. É triturado e esgarçado pelo processo colonial e pelo racismo, por meio do massacre

²⁴ Expressão apresentada por Lélia Gonzales em seu ensaio “A mulher negra na sociedade brasileira”, ao se referir à resistência da mulher negra.

²⁵ NASCIMENTO. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*, p. 124.

²⁶ NASCIMENTO. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*.

²⁷ GLISSANT. *Le discours antillais*.

físico, da repressão e do genocídio, conceito que inclui a tendência de destruir ou apagar os referenciais da matriz cultural de um povo.²⁸

Diante disso, narrar as memórias, o “banzo”, a dor, as lutas dos antepassados é um movimento de resistência que inspira vida, pois hoje, viver é resistir. Resistir contra o apagamento, contra o “desmemoramento”, sobreviver. Sobreviver ante as condições que a sociedade pós-colonial reservou aos descendentes do povo retirado de suas terras, submetido ao ritual da “árvore do esquecimento” e escravizado por mais de 400 anos em terras estrangeiras.

Hoje, mais de 100 anos após a Lei Áurea, esse povo ainda se encontra escravizado, pois suas memórias e sua história ainda estão aprisionadas nas gavetas dos antigos senhores. O movimento de cobrança, retomada e posse dessas memórias é liderado por homens e mulheres, que, embora o avançar da idade, encontram forças para transmitir aos mais jovens suas memórias e experiências, transmitir rezas, transmitir lutas, transmitir astúcia, transmitir vida.

RÉSUMÉ

Cet article prétend réfléchir sur l'importance des griots dans la culture africaine et sa contribution par la formation du peuple afro-brésilien. S'entends que de cette forme, nous allions racheter la dignité d'un peuple et retourner en lui tendant le droit de connaître sa histoire, qui a été prise à partir de l'esclavage des noirs.

MOTS-CLÉS

Mémoire collective, griots, rançon, histoire

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-222.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUCRJ, Brasil.

²⁸ NASCIMENTO. Grandes mães reais senhoras, p. 54.

- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- GONZALES, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: _____. *O lugar da mulher*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- GUIMARÃES, Geni. *Da flor o afeto, da pedra o protesto*. Barra Bonita, SP: Ed. da Autora, 1981.
- GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. São Paulo: FTD, 1998.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Educamp, 1992. p. 419-476.
- NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: Eduel, 2006.
- NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. Grandes mães reais senhoras. In: NASCIMENTO, Elisa Narkin (Org.). *Guerreiras de Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 49-63.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RICÉUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- SOUZA, Florentina. Memória e *performance* nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 30-39.